

**CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS**  
**CEP**

**LUIZ CARLOS DURANTE JUNIOR**

**HEROÍSMO CONTEMPORÂNEO:  
O NARCISISMO NA COMUNICAÇÃO VIRTUAL COMO  
TENTATIVA DE SIGNIFICÂNCIA CÓSMICA**

**CICLO I – TURMA DE TERÇA-FEIRA – 19h30**

**1º SEMESTRE DE 2016**

## Heroísmo contemporâneo: o narcisismo na comunicação virtual como tentativa de significância cósmica.

*O homem lúcido é aquele que se livra daquelas “ideias” fantásticas e encara a vida sem temor, percebe que tudo nela é problemático, e se sente perdido.*

*E esta é a verdade elementar – a de que viver é sentir-se perdido – que aquele que aceita já começou a encontrar a si mesmo, a pisar em terra firme.*

*Por instinto, como fazem os naufragos, olhará em torno, à procura de algo em que se agarrar, e esse olhar trágico, implacável, absolutamente sincero, porque se trata da sua salvação, irá fazer com que ele ponha ordem no caos da sua vida. São essas as únicas ideias autênticas; as ideias dos naufragos.*

*Tudo o mais é retórica, pose, farsa. Aquele que realmente não se sentir perdido não tem perdão; quer dizer, nunca se encontrará, nunca enfrentará a sua realidade.*

Ortega

O presente trabalho busca um diálogo entre o narcisismo freudiano e a ideia do heroísmo como mentira vital proposta por Ernest Becker na obra “A negação da morte”.<sup>1</sup> Para tanto, o modelo de heroísmo contemporâneo foi aplicado à questão da comunicação virtual em redes sociais. A dialogia é ampla, mas o recorte principal se refere ao investimento exagerado de libido e tempo à comunicação virtual. A abordagem se constitui principalmente de forma psicanalítica no que diz respeito a essa exposição e também numa tentativa de incursão sociológica, como fato e problemática atual.

Sigmund Freud e Ernest Becker trabalharam, cada um a seu modo, aspectos teóricos em relação à morte. Em particular, a angústia em torno da morte é o que interessa neste colóquio.

Num recorte da abordagem de Becker para a leitura psicanalítica, a angústia em torno da ideia de morte seria recalcada e, no seu lugar, seria instaurado um projeto heroico como forma de sublimação. Esse fenômeno faria parte das mentiras de caráter do sujeito ou mentira vital. O grau de adaptação do indivíduo estaria ligado ao nível de encobrimento que o projeto heroico consegue trazer para ele. Nesse sentido, quem “mente bem” estaria adaptado e com suas angústias controladas por um tempo.

Freud mostra que cada indivíduo vive uma tragédia pessoal narcísica desde a infância, o que faz com que se preocupe antes de tudo consigo. Mas é também o narcisismo que dá coragem de seguir em frente e de enfrentar os medos e os perigos que se apresentam, inclusive capacitando o indivíduo para o recalque da ideia da própria morte. Como afirma Freud, “nos seus recessos orgânicos mais íntimos, o homem se sente imortal”. Em outro

---

<sup>1</sup> BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

momento, ele acrescenta:

A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – Sua Majestade o Bebê, como outrora nós mesmos nos imaginávamos.<sup>2</sup>

O homem vive num mundo de símbolos e sonhos, seu narcisismo se alimenta de símbolos. Por isso sua necessidade de incorporar símbolos e de se expandir neles, o que se constitui em uma forma de imortalidade. Considera-se, assim, que um dos conceitos básicos para compreender a ânsia do homem pelo heroísmo é a ideia de narcisismo.

Em uma postagem do Instagram foi usada a seguinte frase: “ter milhares de seguidores no Instagram é como ser milionário no Monopoly”. O interessante é que se tratava de uma autocrítica, pois feita por alguém com milhares de seguidores. Talvez fosse um leve despertar seguido, porém, de mais uma foto anestesiada e esteticamente perfeita de um cappuccino que, ao ser tomado, provavelmente jazia morno ou com gosto do prazer de ontem. Vale ressaltar que as duas possibilidades reais que substituiriam os simbólicos “Instagram” e “Monopoly” seriam formas tidas como sucesso heroico do sujeito comum, a saber: fama e dinheiro.

Pode-se ver as redes sociais como um “second life”, uma espécie de vida ideal e perfeita, onde o dia está sempre ensolarado, onde sempre é Maya Beach e sempre se é jovem e belo. Filtros especiais para fotografias e vídeos, além de milhares de aplicativos garantem a construção infalível desse herói sem vulnerabilidades.

---

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 98.

Observando-se a crescente movimentação das redes sociais, onde mil likes valem mais que uma mensagem, depara-se com uma experiência que poderia ser nomeada de “heroísmo nético”.

Becker afirma que “na infância, vemos a luta pelo amor-próprio na sua fase menos disfarçada. [...] Todo organismo proclama em voz alta as exigências de seu narcisismo”.<sup>3</sup> Esse desejo de autoextensão é o que Becker designa como “significância cósmica”.

A significância cósmica seria o desejo humano de se destacar, de ser algo na criação; quiçá ser o primeiro no universo, de provar que vale mais do que outra coisa ou pessoa. É a incessante luta pelo heroísmo. Segundo Freud, a esperança dos pais é que o sonho dourado deles seja realizado por seu filho e que este se torne um herói no lugar dos pais.

Todo ser humano leva essa luta em menor ou em maior grau para a vida adulta, moldando-a de acordo com seu controle e com o que é possível. O projeto heroico, como sublimação da certeza de finitude, pode aparecer por meio da repetição de um padrão.

A sociedade sempre forneceu um veículo para diversos graus de heroísmo – desde se tornar Papa, passando por constituir família, ter um carro melhor que o dos amigos do bairro, ter a namorada mais bonita da turma – apresentando histórias heroicas que variam desde o engraxate que virou doutor até um youtuber com um vídeo que atingiu um milhão de visualizações.

---

<sup>3</sup> BECKER, op. cit., p. 21.

Todas essas buscas e motivações são influenciadas por símbolos culturais, papéis sociais ou costumes. Mas no fim, a esperança do homem é de que toda sua criação tenha “significância cósmica”, valor que seja imortal.

De acordo com Becker, “tudo o que o homem faz é religioso e heroico e, portanto, é passível de ser fictício e falível”. Pode-se pensar que, nesse ponto, se instaure um problema do heroísmo e, na vida moderna, isso se revela em buscas “infalíveis” de controle do fracasso. As redes sociais podem ser uma das válvulas que propiciam a fluidez da “felicidade virtual e instantânea”, do heroísmo nético que, com maior facilidade e controle, esconde a ausência de inteligência, a pouca beleza, a juventude que se esvai, a vida medíocre ou a melancolia. Porém o investimento libidinal e de tempo que as pessoas dedicam ao mundo virtual é algo preocupante. Essa troca do contato real pelo contato virtual, em última instância, revela a solidão humana, seu sofrimento ou sua angústia neurótica. Se observados casais em restaurantes, a qualquer momento, a seguinte cena é tão banal que descrevê-la é quase como tirar uma selfie clássica segurando a Torre de Pisa. Os pratos chegam quentes e são comidos frios. Nesse intervalo morno, o casal fotografa o próprio vazio, que se apresenta como um prato cheio. A foto é quente, a comida é fria. Centenas de likes nas redes sociais. Nada de afeto entre eles. Vem a sobremesa fria, o café quente, a cena se repete... Em outra hora vem a conta.

As redes sociais foram criadas, em tese, como tentativa de aproximação das pessoas, mas oferecem o contrário: frias relações. Onde o instinto diria “coma”, o projeto heroico diz fotografe. Assim a farsa está mantida: casal perfeito e feliz.

Mas por onde passa esse vazio que se instaura? Até que ponto as pessoas se questionam quanto às suas ações? Quanto relacionam de suas ações à própria necessidade heroica? Até que ponto se colocam no lugar do outro? E mais, quantas pessoas acessam o próprio desperdício existencial mergulhado na cultura de um heroísmo sequer real?

Em “A invenção de Morel”<sup>4</sup>, Casares descreve uma ilha onde existe uma espécie de imortalidade gerada por uma máquina e, ao mesmo tempo, uma vida estática de repetição, que poderia ser comparada a um estar morto em vida ou ao mundo virtual da atualidade.

As pessoas até desejam construir um projeto heroico, dar significado à vida, porém quanto estão dispostas a investir, quanto desejam se expandir? A maioria das pessoas vai pelo caminho seguro, repete padrões de heroísmo dos pais, dos patrões, dos heróis virtuais, do que estiver mais perto. Grande parte da sociedade vive dessa maneira, resolve suas questões do modo mais fácil, seguindo um padrão já estabelecido ou já testado por seu modelo heroico corrente.

Vale lembrar que esses mecanismos atuais oferecem ao homem mais do que a própria existência: uma ilusão da infinitude e do sucesso existencial. No entanto, esse mecanismo de conter a angústia pode ser uma estratégia desastrosa, trazendo um vazio existencial muito grande no futuro. Funcionar no automático pode significar viver em uma miséria neurótica, como aponta Freud. Talvez lidar com a miséria humana comum fosse algo menos fantasioso, menos mutilador e se desencadeasse em uma produção mais sublime e mais criativa.

---

<sup>4</sup> CASARES, Adolfo Bioy. **A invenção de Morel**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

O paradoxo da condição da individualidade dentro da finitude é apresentado por Becker.

O homem tem uma identidade simbólica que o destaca nitidamente da natureza. Ele é um eu simbólico, uma criatura com um nome, uma história de vida. É um criador com uma mente que voa alto para especular sobre o átomo e o infinito, que com imaginação pode colocar-se em um ponto no espaço e, extasiado, contemplar o seu próprio planeta. Essa imensa expansão, essa sagacidade, essa capacidade de abstração, essa consciência de si mesmo dão literalmente ao homem praticamente a posição de um pequeno deus na natureza, como o sabiam os pensadores da Renascença.<sup>5</sup>

Em uma cena do filme “Amores perros”<sup>6</sup>, o protagonista, que possui uma doença incurável, entra em uma casa funerária acompanhado de um amigo. O funcionário apresenta os planos funerários possíveis e o protagonista se espanta ao se deparar com o tamanho exíguo de uma urna funerária, questionando se seus restos mortais caberiam dentro dela. A resposta do atendente apenas confirma sua sensação de insignificância diante da finitude premente.

Existe uma crise de heroísmo, própria da época hodierna e ela atinge todos os aspectos da vida social. Há uma confusão acerca do que seria esse herói social. Também se vê o movimento contínuo e contrário, um tipo de “anti-herói-contracultura” como alternativa para os que julgam essa atitude mais significativa perante a vida. A ideia da contracultura foi cantada por Nina Simone em “Ain't Got No, I Got Life” e se mostra como uma tentativa de negar os valores sociais vigentes.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BECKER, op. cit., p. 48.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0245712/>> Acesso em: 30 mai. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L5jI9I03q8E>> Acesso em: 30 mai. 2016.



O que se vê é uma crise social e pessoal, um culto exacerbado da beleza, do hedonismo, do que é individual, do que é urgente, do que é descartável. Cada indivíduo vive automaticamente um ritmo acelerado, talvez para que não haja tempo de se dar conta da verdade: da sua finitude e do possível fracasso existencial.